1. Afirmar a dimensão social do conhecimento significa compreender que as nossas cognições reflectem a sociedade em que nos inserimos. Quer dizer, vemos e interpretamos a realidade não apenas com a ajuda das capacidades cognitivas pessoais, mas também com os “olhos dos outros” que nos dão um quadro interpretativo, colectivamente partilhado e que se constitui como referencial orientador e condicionador das cognições de cada um.

2. Impressões sociais são noções criadas no contacto com as pessoas, fornecedoras de um quadro interpretativo para as julgarmos no que elas são e nas suas condutas.

3. Os factores que influenciam a inteligência são a Hereditariedade, que estabelece os limites dentro dos quais o desenvolvimento da inteligência é possível. Factores Sociais, que criam contextos de desenvolvimento físico, psicológico e social que podem dificultar ou estimular as capacidades intelectuais e Expectativas que podem ser positivas ou negativas, que podem estimular ou dificultar a capacidade de ser inteligente.

4. O quociente de inteligência é um número que resulta da realização de um teste estandardizado para medir/avaliar as habilidades cognitivas de uma pessoa em relação à sua faixa etária. Este resultado é abreviado por QI, pelo conceito inglês de intelligence quotient.

Enquanto padrão, considera-se que o QI médio num grupo etário é de 100. Posto isto, uma pessoa que tenha um QI de 110 está acima da média entre as pessoas da sua idade (leia-se “idade mental”). O mais normal é que o desvio normalizado dos resultados seja de 15 ou 16 pontos, tendo em conta que as provas são concebidas de modo a que a distribuição dos resultados seja aproximadamente uma distribuição normal. Dá-se o nome de sobredotados àqueles que se encontram acima dos 98% da população.

A história mostra que as pontuações num determinado teste e numa dada população têm tido tendência a subir. Por esse motivo, os testes que medem/avaliam o quociente de inteligência devem ser constantemente actualizados para que os padrões anteriores se mantenham.

Este fenómeno é conhecido como Efeito Flynn, na sequência dos estudos de James R. Flynn. Foi este Neozelandês especializado em ciências políticas quem alertou para o facto de as pontuações de QI subirem em todo o mundo à razão de três pontos por década. Das várias explicações apresentadas pelos especialistas, mencionaremos aqui a melhor nutrição, a tendência para formar famílias mais pequenas, a melhor educação, a maior complexidade no ambiente e a heterose.

5- Atitudes são predisposições adquiridas e relativamente estáveis que levam os indivíduos a reagir de forma positiva oi negativa em relação a objectos de índole social.

6- As atitudes são compostas por três elementos: 1- Elemento intelectual- crença que pode ser expressa por um juízo e corresponde ao que sabemos sobre o objecto de atitude, 2- Elemento emocional – sentimentos que nutrimos acerca das coisas e que determinam uma avaliação positiva ou negativa a seu respeito; 3 – elemento comportamental – resultado da combinação dos dois constituintes anteriores, consiste numa predestinação para vir a actuar de determinada forma.

7- Dissonância cognitiva é, segundo Festinger, a existências simultânea de cognições contraditórias, pelo que não se ajustam entre sim. Por exemplo, a pessoa que sabe que o tabaco prejudica a saúde e continua a fumar, vive em estado de dissonância cognitiva, o que não a deixa muito bem em termos psicológicos. Dai que, tendo optado pelo prazer do cigarro, tende atenuar a contradição em que vive, alternando a sua convecção acerca dos malefícios do tabaco. Distorce, então, a realidade dos factos com argumentos que só o convencerão a si próprio: há quem fume e morra de velho e há quem fume e morra novo.

8- Designa-se por normalização, o estabelecimento de uma norma social com base na influência recíproca dos membros de um grupo de indivíduos, hesitantes quanto aos modos convenientes de pensar e agir.

9- Existe uma distinção clássica no que diz respeito á função da imaginação: esta é entendida como capacidade mental reprodutora ou como capacidade criadora. A imaginação reprodutora refere-se ao poder mental para evocar imagens provenientes de percepções anteriores e de proceder á sua reestruturação, conferindo-lhes uma forma original de modo a produzir novos padrões, afastados dos dados sensoriais. Quer dizer, tendo como ponto de partida as imagens preceptivas, a imaginação reprodutora é capaz de recombinações inéditas, de modo a que o resultado seja um estrutura nova pouco tendo a ver com o que se percepcionou.

A imaginação criadora é a capacidade mental que consiste em lidar e estabelecer combinações de elementos que nunca foram percecionados. Neste sentido, a imaginação e sinonimo de fantasia, ficção, capacidade de colocar algo completamente afastado da perceção e da realidade vulgar quotidiana por nós experimentada. A imaginação é um poder criador que se torna invenção, descolagem, originalidade, colocação de novos mundos, antevisão do futuro.

Se na imaginação reprodutora ainda e possível reconhecer algumas analogias com os objectos percepcionados, na imaginação criadora, a analogia é de natureza diferente, podendo estabelecer-se através de um símbolo, de uma metáfora, de um esquema, de um signo, de realidades substitutas (representações), que raramente correspondem ás coisas percebidas na realidade quotidiana.

10- Mente é o estado da consciência ou subconsciência que possibilita a expressão da natureza humana. “Mente” é um conceito bastante utilizado para descrever as funções superiores do cérebro humano relacionadas a cognição e comportamento. Particularmente aquelas funções as quais fazem os seres humanos conscientes, tais como interpretação, os desejos, o temperamento, a imaginação, a linguagem, os sentidos, embora estejam vinculadas as qualidades mais inconsciente como o pensamento, a razão, a memória, a intuição, a inteligência, o arquétipo, o sonho, o sentimento, ego e superego. Por isso, o termo também descreve a personalidade e costuma designar capacidades humanas, ou mesmo, empregado para designar capacidades de seres sobrenaturais, como na expressão “ A Mente de Deus”.

Há três posições sobre a natureza da mente. Os dualistas defendem a tese da distinção entre mente e corpo. Os monistas defendem a tese da identidade entre mente e corpo. Os epifenomenistas defendem a tese da superveniência da mente sobre o corpo.

Dualismo:

De acordo com o dualismo, a mente é uma substancia distinta do corpo. Entre os defensores do dualismo encontramos os filósofos René Descartes e John Locke.

No dualismo, o conceito de mente pode ser aproximado aos conceitos de intelecto, de pensamento, de espirito e de alma do ser humano.

René Descartes propôs o dualismo das substâncias (que seriam uma entre duas coisas: res cogitans ou res extensa). Para ele o espirito e o corpo seriam nitidamente distinto. Espirito e matéria constituíram dois mundos irredutíveis, assim não seriam numa substância só, mas sempre duas substâncias distintas. Espirito seria do mundo do pensamento, da liberdade e da actividade; e matéria seria do mundo da extensão, do determinismo e da passividade.

Monismo:

De acordo com o tipo mais conhecido de monismo, mente e corpo são uma e a mesma coisa. Assim, haveria pelo menos duas espécies de monismo, o monismo que reduz o corpo à mente e o monismo que reduz a mente ao corpo.

O monismo que reduz o corpo à mente é conhecido como materialismo, e foi continuamente defendida por diversos filósofos e cientistas cognitivos.

Outra variante de monismo é o chamado monismo neutro, defendia inicialmente por W. James e, depois, por B. Russell (embora não por muito tempo). Segundo esse tipo de monismo, há uma substância indeterminada, nem física nem mental, que tem, entretanto, propriedades físicas e mentais. Quando Russel defendeu essa posição ele considerou que a mente e a matéria não são espécies últimas de entidades, mas construções lógicas de uma base metafisicamente neutra.

Epifenomenalismo:

De acordo com o epifenomenalismo, há uma única coisa, o corpo e a mente é algo que sobrevém ao corpo. Em outras palavras, eventos mentais podem ser considerados efeitos de causas materiais, embora eventos mentais não tenham efeitos materiais. Eventos mentais são, assim, “epifenómenos”, que não produzem efeitos. Um problemas por vezes apontado para os epifenomenistas é como explicar que eventos mentais, que não têm poderes causais e não estão em relações causais, podem ser objectos de memórias.

Existe uma relação entre a mente e o mundo interior de cada um de nós, na medida em que se apresenta uma relação entre o que pensamos e sentimos e o que fazemos, assim como também existe uma relação entre o nosso comportamento, as condições em que nos encontramos e o que sentimos e pensamos. A mente refere-se assim a algo interior e subjectivo dos seres humanos, na medida em que o nosso mundo interior, os nossos pensamentos e desejos, os nossos medos e sentimentos são algo que não se pode ver, mas que existe em cada individuo. Assim, chegou-se à conclusão que existe uma forte relação entre o que cada individuo é, e como compreende e se comporta a cada momento.

Phineas Gage foi um australiano que viveu em meados do século XIX. Segundo relatos da época, ele era um homem muito gentil que trabalhava na construção de ferrovias, após um acidente em 1848, envolvendo explosivos, uma barro de ferro atravessou sua cabeça, atingindo o cérebro (parte pré-frontal). Felizmente ele foi socorrido de imediato e conseguiu sobreviver. Mas ele não só sobreviveu como não ficou com nenhuma sequela aparente (excepto por um olho que ele perdeu). Visão, fala e movimentos perfeito. Entretanto, logo depois da recuperação, Phineas Gage teve seu comportamento completamente alterado: começou a usar palavrões, fazia comentários cruéis desnecessários, tratava mal as pessoas, e fazia péssimas decisões que não levavam em conta as consciências. Morreu pouco mais de 10 anos depois pobre e sozinho. Na época, um médico estudou o seu caso, e é graças a ele que temos todas essas informações.

O caso Phineas Gage é importante pois foi o primeiro caso que mostrou que emoção e comportamento estão sim associados a uma parte específica do cérebro.

No livro, Damásio ainda fala de um caso semelhante ao de Gage que ele teve a oportunidade de estudar, o caso de Elliot que sofreu um acidente semelhante ao de Gage, demonstrando os mesmos sintomas. Damásio aproveitou a oportunidade para ajudá-lo. Fez diversos testes de QI, além de outros tipos de testes de inteligência. Surpreendentemente, Elliot saiu-se muito bem, às vezes melhor do que a média da população, provando que era dono de um intelecto saudável.

Ao longo da convivência e Elliot, Damásio se deu conta que Elliot contava sobre a tragédia da sua vida de forma impassível. Com o passar do tempo, notou que Elliot quase nunca se zangava, nem se incomodava com as milhares de perguntas repetidas de Damásio. Num outro teste, foi colocado estímulos visuais carregado em frente de Elliot como: pessoas a afogar-se, incêndios terríveis e terramotos. Nisso Elliot fez um comentário que abriu os olhos de Damásio: sinto que os meus sentimentos após o acidente. Ou seja Elliot deu conta que coisas que antes lhe causavam emoções fortes, agora não lhe causavam nenhuma reacção, nem positiva, nem negativa. Imagine a sua comida preferida, a música que mais gosta de ouvir, o seu filme favorito, nada disso lhe despertava nenhum tipo de emoção. Encontra-se por isso destituído da possibilidade de sentir aquilo de que gostava, e ao mesmo tempo, esta consciente o quanto se divertia outrora. Em suma, o esta de Elliot pode ser resumido como estar consciente mas não sentir qualquer emoção.

Podemos por fim concluir que a mente humana é muito complexa e os processos integrados a essa têm vários significados.

Mário, Paulo

Bernardo, Alexandre

Jose Rego, Diogo, Miguel